



Universidades Lusíada

Pavia, José Francisco Lynce Zagalo, 1967-

O alargamento dos BRICS : como um acrónimo inventado por uma instituição financeira ocidental pode tornar-se um desafio

<http://hdl.handle.net/11067/7077>

<https://doi.org/10.34628/y1y9-m636>

Metadados

Data de Publicação	2022
Palavras Chave	Países BRICS - Relações externas
Tipo	article
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULL-FCHS] LPIS, n. 23-24 (2022)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-11-22T13:34:56Z com informação proveniente do Repositório

**O ALARGAMENTO DOS BRICS:
COMO UM ACRÓNIMO INVENTADO POR UMA INSTITUIÇÃO
FINANCEIRA OCIDENTAL PODE TORNAR-SE UM DESAFIO**

José Francisco Lynce Zagallo Pavia

Professor Associado da Universidade Lusíada

jfpavia@edu.ulusiada.pt

ORCID: 0000-0001-9059-8795

DOI: <https://doi.org/10.34628/y1y9-m636>

Recebido: 27.08.2023

Aprovado: 25.09.2023

Resumo: O alargamento dos BRICS e o desafio à Ordem Liberal Internacional.

Palavras-chave: Alargamento; BRICS; Ordem Liberal Internacional.

Abstract: BRICS's enlargement and the challenges to the International Liberal Order

keywords: Enlargement; BRICS; International Liberal Order.

Na recente cimeira dos BRICS¹, que decorreu em Joanesburgo, na África do Sul, nos passados dias 22, 23 e 24 de Agosto de 2023, onde estiveram presentes os líderes dos cinco membros – com a excepção de Vladimir Putin pelos motivos já apontados em artigo anterior² – além de outros líderes mundiais, que responderam afirmativamente aos sessenta e sete convites enviados pela organização sul-africana, saiu a decisão histórica – foi este o adjetivo utilizado pelo líder chinês, Xi Jinping³ – de convidar para membros efectivos seis outros Estados: a Argentina, a Arábia Saudita, os Emiratos Árabes Unidos, o Irão, o Egipto e a Etiópia. Entrarão como membros de pleno direito no início de 2024. Será que este grupo, que derivou de um acrónimo inventado pelo economista chefe da Goldman Sachs, Jim O’Neil⁴, para designar os quatro membros iniciais – o S de África do Sul foi introduzido mais tarde, em 2010, com a entrada desse país no grupo – poderá constituir um desafio para a actual liderança global dos Estados Unidos da América e da Ordem Liberal Internacional? Ou a sua imensa diversidade e, por vezes, interesses divergentes, serão a sua fraqueza. Seja qual for a resposta esta é uma nova realidade com a qual o sistema internacional terá que contar.

¹ <https://www.bbc.com/news/world-africa-66609633> (Acesso em 25/08/2023).

² <http://blog.sciencespo-grenoble.fr/index.php/2023/06/11/oops-south-africa-is-going-to-do-it-again/> (Acesso em 20/08/2023).

³ <https://www.reuters.com/world/brics-poised-invite-new-members-join-bloc-sources-2023-08-24/> (Acesso em 25/08/2023).

⁴ <https://www.reuters.com/world/brics-poised-invite-new-members-join-bloc-sources-2023-08-24/> (Acesso em 26/08/2023).

BRICS expansion



Fonte: <https://www.bbc.com/news/world-africa-66609633>

(Acesso em 27/08/2023).

Do BRIC aos BRICS e mais além

Como já foi referido o acrónimo BRIC, referente aos quatro membros iniciais, Brasil, Rússia, Índia e China, foi introduzido em 2001, por um destacado economista de uma das mais poderosas instituições financeiras do mundo Ocidental, a Goldman Sachs. Pretendia inicialmente referir-se a quatro países emergentes que tinham um enorme potencial de crescimento económico e constituíam excelentes oportunidades de negócio. Só mais tarde, em 2006, é que os representantes desses países se reuniram, durante a Assembleia Geral das Nações Unidas, em Nova York, institucionalizando o acrónimo BRIC. Entre 2006 e 2009 decorreram reuniões de alto nível reforçando a cooperação mútua. Em 2009 foi

finalmente oficializada a constituição do novo agrupamento e no ano seguinte a África do Sul é admitida, passando o agrupamento a ter a nova designação de BRICS. Desde então têm sido realizadas cimeiras anuais com a presença dos líderes dos cinco Estados membros, sendo que as cimeiras de 2020, 2021 e 2022 foram realizadas por videoconferência devido à pandemia do COVID-19. A cimeira que acabou de ocorrer na África do Sul foi a primeira em formato presencial depois da pandemia. Tem existido, desde o início da constituição do grupo, um interesse crescente de outros Estados em aderir. O único alargamento do grupo tinha ocorrido com a entrada da África do Sul, em 2010, como já vimos. Agora, depois desta decisão tomada na cimeira de Joanesburgo, o grupo mais do que duplica os seus membros, passando para onze. Muitos outros países terão que aguardar por próximo alargamento, sendo que mais de três dezenas já manifestaram essa intenção; de entre eles encontram-se, por exemplo, a Indonésia, o Bangladesh, a Nigéria, a Argélia, Cuba, a Bolívia ou o Cazaquistão, entre outros⁵. Aparentemente o acrónimo que dá nome ao grupo vai-se manter, mas a importância deste e o seu peso no sistema internacional irá naturalmente aumentar.

Um caminho divergente face ao Ocidente Global

Este grupo alberga dois Estados que, de uma maneira ou de outra, têm contestado a chamada Ordem Liberal Internacional, ou seja, a Rússia e a China. Também o Brasil e a Índia, especialmente sob as lideranças de Lula da Silva e Narendra Modi têm advogado uma reconfiguração do sistema multilateral, por exemplo, no Conselho de Segurança das Nações Unidas, onde ambos gostariam de estar representados permanentemente, ou sugerindo uma alteração aos actuais estatutos das instituições de Bretton Woods, ou ainda do regime comercial da Organização

⁵ <https://www.reuters.com/world/what-is-brics-who-are-its-members-2023-08-21/> (Acesso em 25/08/2023).

Mundial de Comércio, entre outras reivindicações. O grupo criou o NDB – New Development Bank⁶, em 2015, cuja actual presidente é Dilma Rousseff, anterior chefe de Estado brasileira, com o objectivo não confessado de ser uma alternativa às instituições financeiras multilaterais, nomeadamente o FMI e o Banco Mundial. Os BRICS têm vindo a assumir uma postura crítica face à Ordem Liberal Internacional que, segundo eles, protege de forma injusta os interesses dos países ocidentais em detrimento do Sul Global⁷. Estas divergências face ao Ocidente Global tornaram-se mais notórias depois da invasão Russa à Ucrânia em Fevereiro de 2022. Estes países têm resistido em aplicar as sanções à Rússia e rejeitam alinhar de forma inequívoca com as votações na Assembleia Geral das Nações Unidas, que condenam Moscovo. A posição do Brasil, nomeadamente depois da eleição de Lula da Silva, tem sido particularmente criticada, em razão da recusa deste de seguir, sem rodeios, as posições da NATO e da União Europeia. Também a África do Sul tem sido criticada por convidar o Presidente Putin para esta cimeira (a que ele não compareceu pelos motivos já expostos anteriormente⁸) e por ter participado em exercícios militares conjuntos com a Rússia e a China, por ocasião do primeiro aniversário da invasão Russa à Ucrânia. As reacções dos Estados Unidos da América e da União Europeia a esta cimeira e ao anúncio do alargamento do grupo para onze países, entre eles o Irão, não poderia ser mais reveladora do incómodo e desconforto que esta decisão suscitou. O conselheiro de segurança nacional da Casa Branca Jake Sullivan “tentou diminuir e minorizar as intenções de alargamento do bloco”⁹ e alguns diplomatas da União Europeia avisaram que “esta enfrenta agora um tremendo desafio”.¹⁰

⁶ <https://www.ndb.int/> (Acesso em 23/08/2023).

⁷ <http://blog.sciencespo-grenoble.fr/index.php/2023/04/22/the-west-and-the-rest-the-global-south-challenging-the-international-liberal-order/> (Acesso em 23/08/2023).

⁸ <http://blog.sciencespo-grenoble.fr/index.php/2023/06/11/oops-south-africa-is-going-to-do-it-again/> (Acesso em 20/08/2023).

⁹ <https://www.bbc.com/news/world-africa-66609633> (Acesso em 25/08/2023).

¹⁰ <https://www.dw.com/en/brics-the-west-reacts-to-plans-for-enlargement/a-66636169> (Acesso em 25/08/2023).

Um desafio? Ou um verdadeiro sistema multipolar internacional?

As tentativas que responsáveis políticos Europeus e Norte Americanos têm feito com o objectivo de minorizar e não dar muita importância a este grupo, em particular, e ao Sul Global, em geral, poderão não ser a melhor opção e eventualmente até poderá constituir um erro muito significativo. Só os BRICS, na sua actual configuração, já representam 46% da população mundial e cerca de 35% do PIB mundial. Em termos de paridades de poder de compra as economias dos BRICS já são colectivamente maiores do que as economias agregadas dos países do G7.¹¹ Com a anunciada adesão destes novos seis membros e a futura e previsível adesão de muitos outros, sendo que uma parte significativa deles têm das mais altas taxas de crescimento económico do mundo, prevê-se uma mudança acentuada de forças no sistema internacional. Eventualmente o G7 e o G20, que são em larga medida dominados pelo Ocidente Global, irão perder a sua actual relevância e consequentemente assistiremos a uma erosão da dominação Ocidental. Também em termos políticos haverá mudanças significativas, já que hoje em dia uma das principais críticas destes países é a “arrogância” Ocidental em tentar impor um modelo político-social que é abertamente contestado por muitos deles. O chamado *Consenso de Washington* está progressivamente a ser substituído pelo *Consenso de Pequim* com todas as consequências que isso implica. O secretário geral das Nações Unidas, António Guterres, em discurso aos meios de comunicação social¹², na recente cimeira dos BRICS, já anunciou que estamos a entrar num mundo multipolar e que as instituições internacionais, nomeadamente o Conselho de Segurança das Nações Unidas e as instituições de Bretton Woods, precisam de ser actualizadas para as realidades do séc. XXI. Ele

¹¹ <https://www.ndb.int/insights/speech-by-the-president-of-the-ndb-dilma-rousse%E2%AC%80-at-the-xv-brics-summit-johannesburg-l-august-24-2023/> (Acesso em 25/08/2023).

¹² <https://www.un.org/sg/en/content/sg/speeches/2023-08-24/secretary-generals-opening-remarks-press-encounter-brics-summit-meeting> (Acesso em 26/08/2023).

afirmou¹³: “The Security Council, the Bretton Woods system, and other International Organizations, reflect the world of 1945, when many African countries were still part of European empires. (...) The world has changed – and so, global governance must change with it. It must represent today’s power and economic relations and not the power and economic relations of 1945”.

É notório e habitual que quem está numa posição de vantagem resista de forma significativa a mudanças que possam afectar essa situação. Daí que o Ocidente Global tenha vindo a resistir a essas mudanças ou a encará-las com algum cepticismo; porém, é sempre melhor aceitar uma mudança gradual, que é inevitável, do que uma mudança radical, a todos os títulos indesejável. A defesa de um modelo democrático e liberal é compaginável com a aceitação de modelos eventualmente alternativos - tal como numa sociedade pluralista coexistem várias ideologias muito diferentes - sem que tenhamos a tentação de considerar que a nossa visão do mundo é “melhor” ou “superior” por este ou aquele motivo. O sistema internacional está inevitavelmente em transição e retomando as palavras de António Guterres¹⁴: “If we are not able to reform our institutions to make sure they reassume a truly universal character, we risk fragmentation, and fragmentation can be one day a factor of confrontation”.

¹³ Idem. (Acesso em 26/08/2023).

¹⁴ Ibidem. (Acesso em 26/08/2023).